

---

OLIVEIRA, E. R. de — *O que é benzeção*. São Paulo, Brasiliense. 1985. 110p. (Primeiros passos, 142).

---

Mais uma vez a Brasiliense nos brinda através da coleção Primeiros Passos com um livro de Elda. Desta vez sobre a benzeção. Como introdução ao assunto a autora analisa os vários tipos de benção e os diversos agentes que benzem: pais, tios, avós, padrinhos, benzedeiros, padres etc. Abrange pessoas com relações de parentesco, de amizade, de compadrio, de clientela, e de "paroquianismo". "A benção é, então, uma prática social que acompanha todos nós."

Cada profissional executa sua benção segundo sua formação religiosa e a sua visão de mundo. Médiuns de Umbanda, do Candomblé, do Kardecismo, do Esoterismo, pastores da Seicho-No-Iê, da Cura Divina, do Pentecostalismo, benzem.

A seguir a autora trata apenas da benzedeira popular, objeto de estudo de seu livro, através de uma abordagem diacrônica. Assim, para se entender o exercício profissional da benzedeira de hoje busca suas raízes na Idade Média, analisando o controle social sobre a população exercido pela igreja católica. Depois investiga a maneira como em nossos dias esse mesmo controle se exprime através do exercício político da medicina erudita. No passado, séc. XVI ao XVIII, a igreja católica en-

trou no campo da saúde curando através de assistências de caridade e de rituais de exorcismo. Encontrou, no entanto, resistência e desafios por parte de pessoas que se acreditavam com poderes sobrenaturais para curar e adivinhar o passado e o futuro. Eram pessoas simples, do ponto de vista econômico e social. Por romperem normas, ordens e valores que a igreja impunha e defendia foram perseguidas e acusadas de bruxaria.

Quaisquer intrigas ou deslizos em suas vidas particulares, em seus trabalhos ou em suas relações sociais justificavam aquela acusação. Então, "Desamparadas, sofrendo as pressões sociais dessa época, essas mulheres eram perseguidas, oprimidas, rejeitadas, torturadas, punidas e lançadas vivas em fogueiras até a sua morte." Para isso havia o Tribunal do Santo Ofício, instituição essa que se amparava em teorias codificadas em bulas, códigos, leis e manuais vindos da igreja católica e que defendiam seus interesses. "A Inquisição produziu os mais duradouros e sanguinários crimes contra a humanidade registrados na história, momento em que emerge como profissão promissora a de caçador de bruxas."

---

\* Departamento de Antropologia, Política e Filosofia — Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação — UNESP — 14800 — Araraquara — SP.

Já no século XVIII surgem novas formas de tratar os males do corpo e da alma. Desde o renascimento apareceram novas concepções de doença e cura e conseqüentemente de morte e dor. Com o tempo corpo e alma são vistos separadamente. Supera-se o enfoque mágico-religioso. A doença passa a ser localizada no corpo humano, “momento em que se dá a formulação do discurso médico sobre a doença, discurso técnico, que se separava cada vez mais da visão de magia, demônios, feitiçaria, bruxaria”.

Com isso aumenta o poder da ciência, do saber, codificado em livros de medicina. O que antes (séc. XV e XVI principalmente) era explicado como manifestação de bruxaria, magia e feitiçaria passa a ser visto como histeria e tratado em hospitais. Nos séc. XIX e XX intensificam as interações em manicômios “momento em que emerge o controle social pela psicanálise, que promove a ascensão da loucura como doença”. Já desde o século XIX a medicina cria um amplo controle social através do isolamento das doenças e criação de modelos de higiene. “Ela está atrás da criação de prisões, manicômios, hospitais, hospícios, quartéis, cemitérios e zonas de prostituição, feitos em nome da segregação das pessoas, das doenças e dos doentes.” Depois de pensar no controle social da doença mais para proteger a classe dominante representada entre nós pelo branco, pelo latifundiário e pelo burguês do que uma real preocupação com os pobres, afirma: “O Encarceramento dos ‘loucos’, ‘tarados’ e ‘anarquistas’ em hospícios, e dos pobres, doentes e expropriados em asilos marca uma nova forma de controle social. Este visava garantir ao

mesmo tempo, a realização de dois fenômenos: a ordem nas cidades e a ascensão do poder dos médicos na sociedade.”

A partir desses referenciais a autora inicia seu estudo da benzeção e seu espaço atual na sociedade brasileira abordando com minúcias os mais variados aspectos desta prática. À página 68, explicita a abordagem utilizada na interpretação da benzeção: “Abordo neste capítulo as benzeções como a conquista e a preservação de um espaço de resistência, uma demonstração de força, por pequena que ela seja, ao saber erudito.”

Após penetrar no mundo da benzeção, de uma maneira rica e criativa colocando problemas, levantando dúvidas, relacionando e opondo o saber erudito e o saber popular, nos deixa pensativo revendo nossas colocações, discutindo suas idéias. Porque acima de tudo é uma obra criativa, proposta para fazer pensar, rever posições. É a riqueza da abordagem marxista que a autora tão bem sabe manejar aliada à sua facilidade de expressão que caracterizam o livro.

E finalizando sua obra insiste no modo como a benzeção deve ser vista: “Não como um resquício de formas antiquadas de curar, algo já superado pela ciência moderna. Mas como um ato de resistência política e cultural, feito como alguma coisa própria de uma cultura que contesta e rejeita a linguagem da opressão, da dominação e da exploração entre os homens. Deve ser vista como uma singela contribuição para um novo projeto de mundo. Contribuição vinda de um grupo de pessoas que está do lado dos oprimidos, identificando-se com a sua luta e com os seus sofrimentos.”